

NATALIE ELIZABETH LIRA

VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO DO PEDESTRE NO CENTRO DE CURITIBA -  
REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA CARLOS GOMES E CONEXÕES ENTRE AS  
PRAÇAS DO ENTORNO

Artigo apresentado para a conclusão do curso de especialização em Projeto e Paisagem Urbana, do curso Arquitetura e Urbanismo, Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Chiesa

CURITIBA

2012

## TERMO DE APROVAÇÃO

NATALIE ELIZABETH LIRA

VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO DO PEDESTRE NO CENTRO DE CURITIBA -  
REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA CARLOS GOMES E CONEXÕES ENTRE AS  
PRAÇAS DO ENTORNO

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no curso de Especialização em Projeto e Paisagem Urbana, Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

---

Profa. Dr. Paulo Chiesa  
Orientador – Departamento de Arquitetura e Urbanismo UFPR

---

Prof. Dr. Alessandro Filla Rosaneli  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo UFPR

---

Prof. Dr. Emerson Vidigal  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo UFPR

Curitiba, 16 de abril de 2012.

## RESUMO

Este artigo objetiva criar uma reflexão a respeito da existência de praças (espaços livres públicos) nos centros urbanos, bem como de suas funções e usos diversos.

O trabalho desenvolve-se com base nos seguintes pontos chave: a função social da praça, seu papel como elemento articulador do tecido urbano e considerações a respeito de seu projeto.

Apresenta-se um breve histórico da evolução dos usos das praças curitibanas ao longo dos anos, objetivando compreender a atual configuração delas.

Finalmente, é apresentada a área estudada, localizada no centro de Curitiba. Apontam-se as praças centrais, as possíveis ligações entre elas através de espaços pedestrianizados e finaliza-se com a Praça Carlos Gomes, analisando seus usos e configuração atual. Propõe-se uma intervenção que vise principalmente à valorização do espaço do pedestre no centro urbano.

Palavras chave: centros urbanos, espaço livre público, elemento articulador, praças, áreas pedestrianizadas.

## **ABSTRACT**

This paper aims to create a reflection about the existence of squares (open public spaces) in urban centers, as well as it's functions and different uses.

Based on a conceptualization that has as key points the social function of a square in urban centers, the square as an articulator element of the urban fabric and considerations about the project of a square, this paper develops itself.

A brief history about the evolution of the uses in the squares of Curitiba through the years is presented, aiming to understand the current configuration of them.

Finally, the area studied by the students of the specialization course is shown, located in the center of Curitiba. The central squares and the possible connection between them are pointed and it ends with Carlos Gomes Square, analyzing it's uses and current configuration. An intervention that aims mainly to valorize the space of the pedestrian in the urban center is proposed.

Key words: urban centers, open public spaces, articulator element, squares, pedestrianized areas.

## RESUMEN

En este artículo se pretende crear una reflexión sobre la existencia de plazas (espacios libres públicos) en los centros urbanos, así como de sus funciones y usos distintos.

Basado en una conceptualización que tiene como puntos clave la función social de la plaza en los centros urbanos, la plaza como elemento articulador del tejido urbano y consideraciones a respecto del proyecto de una plaza, este artículo se desarrolla.

Se presenta un breve histórico de la evolución de los usos en las plazas curitibanas a lo largo de los años, con el objetivo de comprender la configuración corriente de las mismas.

Finalmente, el área estudiada por los alumnos del curso de especialización se presenta, ubicada en el centro de Curitiba. Las plazas centrales y las posibles conexiones entre ellas son apuntadas a través de espacios pedestrianizados y terminasse con la Plaza Carlos Gomes, analizando sus usos y configuración corriente. Se propone una intervención que tiene como objetivo la valoración del espacio del pedestre en el centro urbano.

Palabras clave: centros urbanos, espacio público libre, elemento articulador, plazas, areas pedestrianizadas.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2. CONCEITUAÇÃO</b> .....	8
2.1 A PRAÇA NOS CENTROS URBANOS .....	8
2.2 A PRAÇA COMO ELEMENTO ARTICULADOR DO TECIDO URBANO .....	9
2.3 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO PROJETO DE UMA PRAÇA .....	10
<b>3. A EVOLUÇÃO DOS USOS DAS PRAÇAS CURITIBANAS</b>	
<b>AO LONGO DOS ANOS</b> .....	12
<b>4. PRAÇAS CENTRAIS</b> .....	14
<b>5. PRAÇA CARLOS GOMES</b> .....	16
5.1 SURGIMENTO DA PRAÇA E USOS .....	16
5.2 INCOMPATIBILIDADE DE USOS.	
ANÁLISE QUALITATIVA DO ESPAÇO SEGUNDO OS PRINCÍPIOS	
ADOTADOS POR SUN ALEX .....	17
<b>6. PROPOSTA</b> .....	20
6.1 DIRETRIZES PROJETUAIS .....	20
6.2 ENSAIO PROJETUAL .....	21
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	23
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	24

## 1. INTRODUÇÃO

Muito tem se falado a respeito da prática da sociabilidade e democracia nas cidades. Os espaços livres públicos, dentre eles a praça, foram os que ao longo da história permitiram (ou deveriam permitir) tais práticas. Era neles que os cidadãos podiam exercer atividades que demonstravam sua cultura, seus anseios, podiam discutir questões filosóficas, políticas ou simplesmente conviver com os outros e “ver a vida passar”.

O advento das metrópoles trouxe consequências como o crescimento rápido das cidades, o aumento da circulação em veículos automotores, a verticalização (principalmente) dos centros urbanos e o espraiamento da malha urbana. Nesse contexto, aqueles espaços anteriormente planejados para o encontro, discussão e convivência dos cidadãos, tornam-se cada vez mais escassos; muitas vezes são resumidos a “sobras” no tecido urbano, desprovidos de qualquer planejamento e articulações com seu entorno.

## 2. CONCEITUAÇÃO

### ***2.1 A praça nos centros urbanos***

As funções das praças mudaram muito ao longo dos anos. Concebidas na Grécia e Roma antigas para abrigar atividades relacionadas ao exercício da cidadania e democracia, na Idade Média tornaram-se prolongamentos territoriais da Igreja e do Mercado. O Renascimento traz um destaque à praça: insere-a fazendo parte de um todo edificado em seu entorno, unificando o espaço público. São funções dela: ser espaço de encontro, cerimônias e comemorações públicas. Porém, muitas vezes localizada em regiões da elite, ela se torna quase privativa.

Já no Modernismo, desagregam-se o comércio e o mercado da praça, dando lugar a espaços para atividades de lazer ativo como playgrounds, quadras poliesportivas e pistas de caminhada, e de lazer passivo, como a contemplação da paisagem e seu entorno.

Na contemporaneidade, somam-se às funções da praça moderna novamente o mercado e o comércio, além de uma nova função: abrigar pontos de ônibus, que geram fluxo constante de pessoas, tornando as praças locais de passagem e reforçando, assim, a centralidade delas.

Segundo José Lázaro de Carvalho Santos (1985), em decorrência do crescimento acelerado das cidades, da verticalização e do adensamento, as praças funcionam como “refúgios” em meio a um entorno densamente construído e povoado. Elas agregam qualidade de vida às cidades, amenizando o clima, proporcionando locais de descanso, sombra, reduzindo a poluição sonora através de árvores e elementos construídos, transmitindo sensação de bem estar às pessoas. As praças configuram-se como locais multifuncionais e de diversidade cultural, sendo de extrema importância a existência delas, como espaços democráticos que propiciem sobretudo o contato humano.

## **2.2 A praça como elemento articulador do tecido urbano**

De acordo com Aparecida Vals da Silva Bahls (1998), nas cidades coloniais brasileiras, a praça surge como extensão dos espaços das igrejas, que usualmente eram os primeiros edifícios a serem construídos. Em seu entorno instalavam-se as pessoas mais ricas, os edifícios das principais instituições da cidade e o comércio de melhor qualidade. Abrigava atividades diversas: desde lazer e procissões até questões de caráter político e militar.

Na contemporaneidade, uma das principais funções da praça é ser um elemento articulador: através de diversas aberturas em seu entorno, ela conecta-se ao sistema de fluxos de pedestres e veículos automotores. Segundo Sun Alex (2008 apud Saldanha) “A praça é pensada como um espaço amplo, que se abre na estrutura interna das cidades, como uma confluência de ruas ou de qualquer sorte uma interrupção nos blocos edificados.”

Mas não basta à praça ser apenas um espaço físico aberto, ela deve ser um centro social perfeitamente integrado à cidade, relacionando ruas, arquitetura e pessoas. Sob o foco desta análise Alex (2008 apud Lynch 1981) aponta que a praça pretende ser um foco de atividades no coração de alguma área “intensamente” urbana. Tipicamente, ela será pavimentada e definida por edificações de alta densidade e circundada por ruas ou em contato com elas. Ela contém elementos que atraem grupos de pessoas e facilitam encontros: fontes, bancos, abrigos e coisas parecidas. A vegetação pode ou não ser proeminente.

A praça deve ser um local indispensável à vida pública; seu desenho está intimamente ligado à vida social, política e cultural de uma cidade; ela é elemento central e unificador de espaços dispersos e diversos.

Segundo a autora Junia Marques Caldeira (2007), no Modernismo os planejadores urbanos propuseram para as cidades praças de grandes dimensões morfológicas, mas que se transformavam em espaços vazios (exceto por ocasiões muito específicas) por serem desarticulados do cotidiano urbano. E já a praça contemporânea, tem a preocupação de recuperar o sentido de urbanidade, depois das críticas que se fizeram à cidade modernista. Nela busca-se resgatar, com certa nostalgia, os espaços das praças históricas, de modo a recuperar-lhe o sentimento de pertencimento.

### **2.3. Considerações a respeito do projeto de uma praça**

Para que uma praça atenda seus objetivos de funções sociais e urbanas, devem ser tomados alguns cuidados ao projetarem-se estes espaços. De acordo com Alex (2008), “o convívio social no espaço público está diretamente relacionado à condição de acesso e de oportunidades de uso, sendo que estes dois elementos dependem da articulação com o tecido urbano, ou seja, da conexão entre as áreas da própria praça e desta com seu entorno.”

Seguindo este raciocínio, alguns aspectos fundamentais para a qualificação de espaços livres públicos tornam-se relevantes. O primeiro e mais importante deles é o acesso; é oferecendo-o que a população poderá fazer uso e apropriar-se de um espaço. Alex classifica o acesso em três tipos: físico, visual, e simbólico ou social.

O acesso físico diz respeito a condições de entrar, sair e circular pelo espaço sem barreiras arquitetônicas (canteiros e vegetação, construções, mobiliário urbano), localização dos acessos em relação às vias do entorno, condições das travessias de pedestres e qualidade ambiental dos caminhos. Acesso visual significa oferecer ao usuário condições de visualização de todo o lugar à primeira vista, favorecendo sua percepção do espaço e a identificação de ameaças potenciais antes de entrar e circular. Finalmente, o acesso simbólico ou social se dá através da existência de elementos tais como grades, construções e atividades que exerçam algum tipo de controle social e uso do lugar, atraindo ou inibindo determinados usuários.

Outros aspectos citados por Alex são o conforto, a participação ativa, a participação passiva e a mudança.

O conforto relaciona-se às condições efetivas de permanência e uso do espaço, como a existência de bancos em quantidade razoável e localização adequada, banheiros, áreas sombreadas e equipamentos específicos. A participação ativa é a possibilidade que o local oferece de contato direto do usuário com pessoas e coisas, sejam eles estranhos ou não. Já a participação passiva, a possibilidade de “relax” através da observação do meio físico e transeuntes; contemplação da paisagem e seu entorno. E a mudança, um critério que indica se existe possibilidade de adições temporárias como feiras, comemorações e etc no local.

William Whyte (2001) faz algumas avaliações pós-ocupação de praças, apontando também outros aspectos em relação a torná-las mais convidativas, seguras e aprazíveis para o contato humano.

A observação dos usos no local permite saber as reais necessidades dos freqüentadores e os pontos positivos e negativos do espaço; Whyte constatou que a maior atração das praças são as pessoas, e elas tendem a agrupar-se o mais próximo possível de onde há atividades; para que haja uso efetivo, a área pavimentada deve existir em maior quantidade que a área plantada; e, finalmente, que devem ser contemplados projetos de manutenção do espaço, preferencialmente feitos pelo planejador do mesmo.

### 3. A EVOLUÇÃO DOS USOS DAS PRAÇAS CURITIBANAS AO LONGO DOS ANOS

As praças curitibanas tiveram seus usos modificados ao longo do tempo, de acordo com diferentes momentos culturais por quais passava a cidade.

Inicialmente, na Curitiba colonial do século XIX, o espaço livre público destinado à convivência da população era o largo em frente à Igreja Matriz. Segundo Laressa Charnobay, em sua monografia *A história e os usos das praças curitibanas (2008)*, o largo era configurado pelo casario adjacente e seu entorno ocupado por ricas residências; abrigava funções de recreação, comércio, exercício militar e político e não havia vegetação.

Devido ao crescimento do meio urbano e o aumento populacional, os espaços livres, abertos, foram se tornando cada vez mais escassos. Até que, no final do século XIX, intensificaram-se ações para reforma destas áreas. A natureza passou a ser valorizada, sendo os “jardins urbanos” considerados instrumentos eficazes para combater o congestionamento e a desordem da cidade, embelezar paisagens, servir como áreas de recreação, atender a questões higiênicas e sanitárias, além de atender à função de “passeio”, importada do costume europeu. Isso culminou em Curitiba com a criação do Passeio Público e, a partir de então, alterações foram feitas nas praças Osório, Carlos Gomes, Santos Andrade, etc., modificando suas funções, deixando de abrigar o mercado e as demonstrações militares para dar lugar a um ambiente ajardinado destinado à contemplação, convivência da população e passeio.

Através do Modernismo, a partir de 1940, as praças passam a incluir em seus projetos atividades de lazer ativo - práticas esportivas e recreação infantil – com pistas de caminhada, parquinhos e quadras. O objetivo disso era propiciar, além da contemplação do espaço, a permanência das pessoas no espaço.

Com o grande crescimento da cidade e conseqüente adensamento, urbanização e verticalização do centro, nos anos 1970, os espaços livres públicos passam a ter maior importância no contexto social, visando o aumento da qualidade de vida dos curitibanos através do “verde”. As praças amenizam os efeitos climáticos, melhoram a qualidade do ar e a insolação. Segundo Robba & Macedo (2003, p.38-45), devido a isso muitos novos espaços livres surgiram e

praças antigas foram reformadas valorizando o “verde” e associando a elas equipamentos públicos como as Ruas da Cidadania (pequenos complexos de serviços da municipalidade e de atividade comercial), e os Faróis do Saber (pequenas bibliotecas de bairro).

Retornam ao espaço público, então, funções que antes eram próprias do largo colonial, como o comércio e os serviços. Também passaram a ser instalados em algumas praças pontos do transporte público coletivo, reforçando o caráter centralizador delas e, muitas vezes, transformando-as em locais de passagem.

Assim, na contemporaneidade, coexistem nas praças as mais diversas funções, incluindo creches, escolas, postos de policiamento, armazéns da família, etc., aliadas a uma nova prática projetual que contempla uma grande possibilidade de traçados – rígidos, irreverentes, geométricos, coloridos, cênicos, orgânicos, etc. – com elementos de diversos tipos e formas como pórticos, ruínas e esculturas.

#### 4. PRAÇAS CENTRAIS

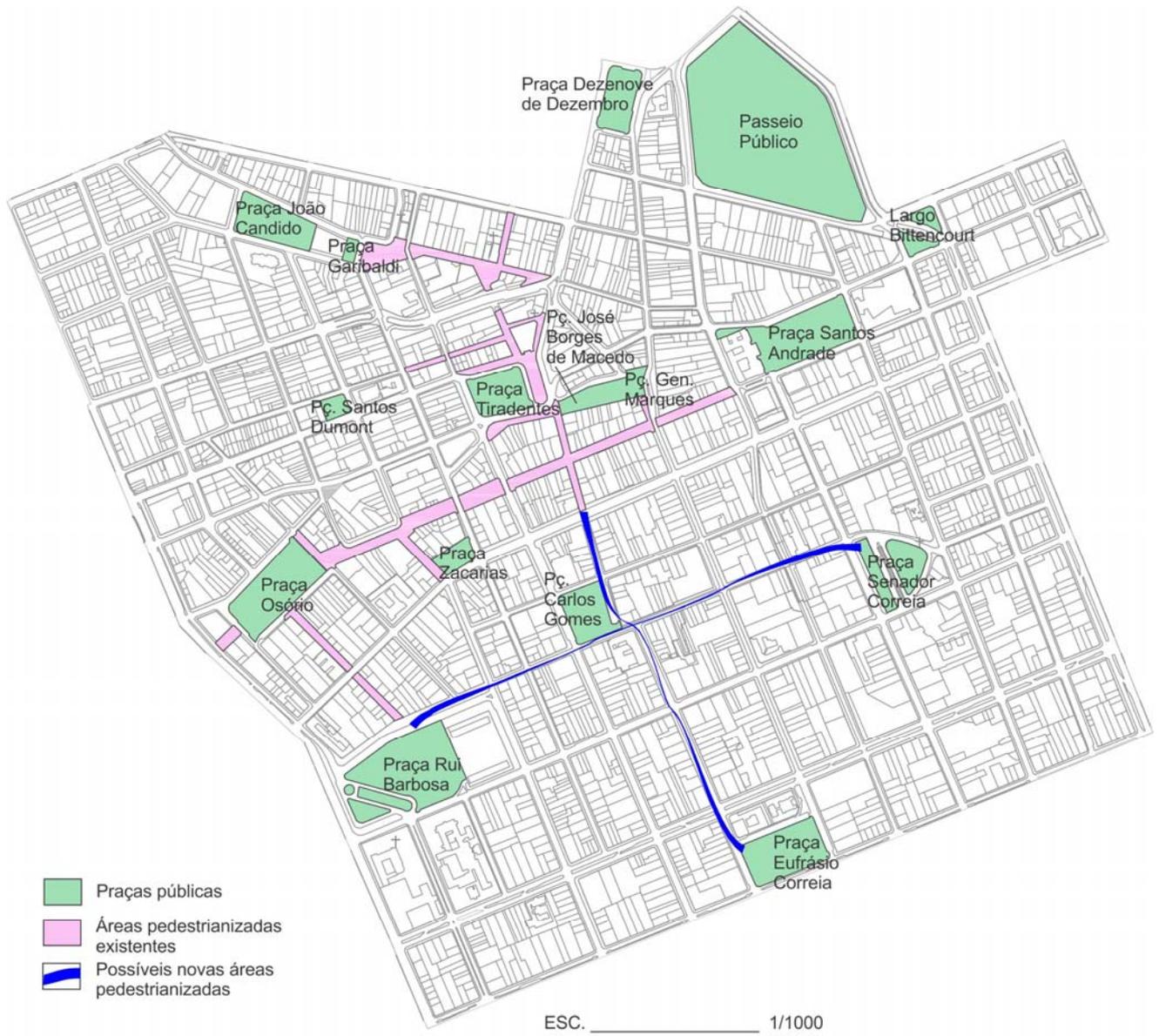
Na área central estudada existem diversos espaços livres públicos: além das ruas, há um parque, um largo e 14 praças. Nota-se que entre alguns deles são estabelecidas ligações através de áreas pedestrianizadas como, por exemplo, a Rua XV de Novembro que, entre as ruas Presidente Faria e Voluntários da Pátria, é de uso exclusivo de pedestres.

Áreas pedestrianizadas são importantes porque valorizam a circulação do pedestre, permitindo a ele melhor acesso e integração aos setores urbanos, além do lazer pelo caminhar. Segundo o arquiteto Rodrigo Freire (em revista online *Rodovias & Vias*), as calçadas antigamente eram pontos de encontro das pessoas, áreas de comércio intenso e de propagação da cultura;

*“Na calçada é onde o cidadão pode realmente observar a cidade e se apropriar dos lugares. Fundamental para desenvolver memórias e estabelecer relações com o ambiente. É importante humanizar as vias.”*

Tomando como ponto de partida estas áreas já pedestrianizadas no centro, constatou-se uma demanda por novas áreas como estas interligando demais praças; o fluxo de pedestres é intenso e o espaço destinado à circulação insatisfatório, principalmente por estreitamento do passeio e má qualidade do mesmo. As possíveis ligações seriam estabelecidas entre as praças Carlos Gomes, Eufrásio Correia, Rui Barbosa e Senador Correia.

Da Praça Carlos Gomes até a Praça Eufrásio Correia, sugere-se a conexão através das ruas Monsenhor Celso e Lourenço Pinto, com circulação de pedestres e veículos em mesmo nível (*woonerfs*), separadas por barreira física. E entre as praças Rui Barbosa e Senador Correia, através da rua Pedro Ivo, com o mesmo tratamento para a circulação. O croqui abaixo indica as praças e as ligações:



Para Yamawaki (2011), “o urbanismo é feito para as pessoas, e a circulação deve estar sempre em primeiro plano [...] trata-se de um investimento baixo em relação às vias de autos. Calçadas, incluindo as ciclofaixas, quando têm qualidade, estimulam as pessoas a usá-las.

## 5. PRAÇA CARLOS GOMES

### *5.1 Surgimento da praça e usos*

De acordo com Apollo Taborda França (1983), a primeira ocupação registrada na Praça Carlos Gomes é datada de 1870; residencial. Nesta época, a praça era apenas um ponto de passagem de viajantes que chegavam a Curitiba pelo sul. Em 1884, a área foi desapropriada e em 1896, em homenagem ao compositor brasileiro Carlos Gomes, a praça recebeu o seu nome.

Em 1903 foi feita a planta oficial e o logradouro passou pelas primeiras intervenções. Três anos depois houve a canalização do Rio Ivo e o subsequente ajardinamento da praça, que abrigaria atividades de exercício militar e apresentações de bandas. Nesta época, as praças em geral eram locais polivalentes, de manifestações de costumes curitibanos.

Em 1914, foram implantados um lago, uma queda d'água e um abrigo para cisnes. Em 1942, foi instalado na esquina das ruas Marechal Floriano e Pedro Ivo o Pavilhão Carlos Gomes, que abrigava espetáculos populares, peças teatrais, números circenses e exibição de filmes e, no ano seguinte, a praça foi redesenhada de acordo com o Plano Agache, ficando mais ajardinada. De categoria de "largo" – palco da vida mundana e religiosa, civil e militar, passava a ser "praça" – um cenário com muito verde, voltado a atividades recreativas, lazer contemplativo, passeio e convivência.

Em 1951 foi colocado o petit pavê no piso, atraindo moradores e proprietários comerciais e fazendo da Praça Carlos Gomes um dos locais mais frequentados da época. A última alteração significativa ocorreu em 1992: a instalação do terminal de ônibus.

## ***5.2 Incompatibilidade de usos. Análise qualitativa do espaço segundo os princípios adotados por Sun Alex***

Seguindo os princípios adotados por Alex, percebe-se que a praça não é suficientemente atrativa ao público e, provavelmente, seja esta uma causa de sua subutilização.

A área acessível ao uso público é razoável em proporção com a área total do espaço, mas os acessos à praça são comprometidos por barreiras físicas e/ou visuais, como banca de jornal, módulo policial e profusão de vegetação e de postes. Consequentemente, a visibilidade do espaço fica prejudicada e cria-se uma sensação de insegurança, que é aumentada pela permanência de moradores de rua.

O desenho do paisagismo, através dos canteiros de vegetação rasteira, não sugere nenhum percurso interessante, que seja integrado ao entorno da praça e de que as pessoas utilizem para atravessar de um lugar a outro ou chegar a um ponto específico, por exemplo.

A falta de critério no plantio das espécies arbóreas (em sua maioria palmeiras) no que diz respeito a espaçamento, projeção de sombras e quantidade de exemplares, também contribui para a ilegibilidade do espaço. O comércio ambulante, que ocupa trecho da rua Monsenhor Celso em determinado período do dia, compromete o acesso e a visibilidade dos transeuntes.

O centro da praça, que possui maior área ensolarada, deveria ser ponto de convergência de pessoas e foco da visão do usuário, é inacessível ao público: está ocupado por um lago que, em 1914, abrigava cisnes. Além disso, há ainda o abrigo para estes animais e um gradil rente ao lago.

O croqui seguinte mostra a situação atual, apontando seus principais elementos e não-conformidades de projeto:



As imagens a seguir mostram os problemas apontados em planta:



Acesso pela rua Monsenhor Celso – visibilidade comprometida pela banca de jornal e vegetação.



Interior da praça – lago e abrigo para cisnes.



Interior da praça – insolação e visibilidade comprometidas pela profusão de vegetação.



Acesso pela rua Monsenhor Celso – falta de critério na disposição das árvores.

## 6. PROPOSTA

### ***6.1 Diretrizes projetuais***

O projeto de revitalização da praça deveria ser elaborado levando em consideração principalmente fatores como o perfil dos usuários, o comportamento deles no espaço, e os diferentes usos que lá ocorrem. Também foram feitas breves entrevistas com usuários que visaram compreender expectativas e impressões em relação à praça.

Após efetuar um levantamento em campo, dos principais trajetos das pessoas na praça e das áreas de permanência, concluiu-se que, atualmente, a praça funciona mais como um local de passagem do que de descanso e lazer. Os fluxos mais intensos estão diretamente relacionados com o terminal de ônibus na rua Pedro Ivo e os pontos localizados na rua José Loureiro. Os locais de permanência resumem-se aos bancos que existem dispersos pela praça e em pouca quantidade.

Elaborou-se um croqui síntese com estas informações:



## 6.2 Ensaio projetual

A proposta para alteração da praça prevê basicamente um espaço mais amplo, aberto física e visualmente. Para obter tal efeito, propõe-se em primeiro lugar, a retirada do lago que ocupa o centro da praça e dos canteiros de vegetação rasteira e dos equipamentos já não utilizados (barreiras visuais – módulo policial, banheiro, abrigo para cisnes, etc).

A vegetação arbórea atual (espécies de palmeiras e demais exemplares arbóreos), foram implantadas sem critério algum de posicionamento; em diversos setores da praça os transeuntes precisam andar em “zig zag” para desviar dos troncos. Outro aspecto é a sombra que as diversas árvores de grande copa fazem na praça. Para solucionar esta questão, propõe-se o plantio de novas palmeiras no perímetro da praça, com espaçamento entre elas e a partir do leito

carroçável bem definido, de maneira a não prejudicar nem a circulação interna, nem a perimetral à praça. Quanto às muitas sombras, propõe-se a retirada de grande parte da vegetação.

Para dar a sensação de amplitude de espaço e permitir maior visibilidade do usuário, propõem-se pisos contínuos, com desenhos suavemente sinuosos, cujas linhas atravessam o espaço e “conduzem” o fluxo de pessoas. Por motivos de segurança e acessibilidade universal, a proposta é de uma praça sem desníveis.

Neste projeto, o busto do compositor Carlos Gomes é reposicionado para um local de maior destaque. São previstas, ainda, mais áreas para a implantação de bancos para descanso.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia principal deste artigo é chamar a atenção do leitor para a importância que deve ser dada pelos planejadores, arquitetos, urbanistas, gestores e a própria população quanto aos espaços destinados ao pedestre.

Em uma cultura facilmente corrompível por interesses imobiliários e econômicos (produção e compra de automóveis, por exemplo), as diretrizes urbanísticas por vezes tomam caminhos inusitados em detrimento de interesses comuns. Segundo Yamawaki, em entrevista em 07/2011, o urbanismo é feito para as pessoas, e a circulação delas deve ser prioridade.

Seguindo este raciocínio é que foi proposta na revitalização da Praça Carlos Gomes e nas conexões entre as demais praças, a aplicação do conceito de “woonerf”, da circulação em mesmo nível para pedestres e veículos. Isso significa que o veículo automotor sujeitar-se-á a circular em velocidade compatível à segurança do pedestre, e somente em local próprio. Além disso, o conceito insere-se bem no centro, uma vez que essa circulação “lenta” desestimula o uso do carro nesta área, cuja infraestrutura já se encontra bastante saturada.

A conexão entre as praças através de áreas pedestrianizadas amplia as consequências de um projeto pontual que parte da Praça Carlos Gomes. Além de valorizar a circulação do pedestre, os espaços tornam-se articulados entre si, talvez até com alguma linguagem que faça referência de um a outro – paisagística, por exemplo – dando a ideia de uma cidade mais orgânica, articulada e bem planejada, em que cada espaço faz parte de um todo.

Incluídos física e socialmente, como possíveis agentes transformadores da cidade, os cidadãos tornam-se parte dela, podendo usufruir, apropriar-se de fato dos espaços e estabelecer com ela uma relação de identidade e pertencimento.

## REFERÊNCIAS

ALEX, Sun. **Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público**. Editora SENAC, São Paulo-SP, 2008.

BAHLS, Aparecida Vals da Silva. **O verde na metrópole: a evolução das praças e jardins de Curitiba (1885-1916)**. Dissertação de curso de pós-graduação na Universidade Federal do Paraná. Faculdade de História, 1998.

BERTACCHI, Luca. OLIVIERI, Michele. **Verso um spazio pubblico. Ripensare e intervenire nella città di Curitiba tra mobilità e tessuto ereditato**. Universidade de Ferrara. Faculdade de Arquitetura, 2005.

CALDEIRA, Junia Marques. **A praça brasileira – trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. Tese de doutorado em História – Setor de Ciências Sociais Aplicadas - Universidade Estadual de Campinas, 2007.

CHIESA, Paulo. MENNA, Cláudio. **Sistemas de espaços livres em Curitiba: tradição, posturas e práticas locais**. Curitiba: Programa Municipal Universidade da Cidade – IPPUC/UFPR, 2005.

CHORNOBAY, Laressa. **A história e os usos das praças curitibanas**. Monografia de curso de especialização em Cidade, Meio Ambiente e Políticas Públicas, UFPR. 2008.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 1983.

FRANÇA, Apollo Taborda. **Praças de Curitiba**. Curitiba, SENAI. 1983.

GONÇALVES, Maria Aparecida de Miranda. **Qualidade e apropriação dos espaços públicos: o papel dos usos comerciais na área central de Curitiba**. Monografia de curso de especialização em Cidade, Meio Ambiente e Políticas Públicas, UFPR. 2007.

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

Revista RODOVIAS E VIAS – “**Mobilidade urbana**” disponível em:  
<http://www2.rodoviasevias.com.br/revista/materias.php?id=766&rvc=39>  
Pesquisado em 19/12/2011.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3ª. edição. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, José Lázaro de Carvalho. **A requalificação dos espaços livres públicos para uma melhor acessibilidade nas áreas urbanas centrais**. Apresentação de seminário, Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2006.

ULTRAMARI, Clóvis. **O centro é bom**. Opinião Gazeta do POVO. Publicado em 23/05/11. Disponível em:  
<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/conteudo.phtml?id= 112873>  
Pesquisado em 12/06/2011.

WHYTE, William H. **The Social Life of Small Urban Spaces**. Project for Public Spaces. New York, NY, 2001.

YAMAWAKI, Yumi. **Introdução a Gestão do Meio Urbano**. 1ª. Edição. Curitiba. IBPEX, 2011.